

IDÉIA SOCIAL

ORGÃO DE PROPAGANDA SOCIAL ENTRE O OPERARIADO BRASILEIRO

Idéa Social

Não é apenas um título. É uma bandeira e é um programma.

Bandeira branca de paz; programma de liberdade e justiça.

Quando o nosso amado Brasil se revolve em meio da perigosa desorganização nacional — de todas as classes sociais, a única que ainda não foi ouvida, a que mais sofre, por isso que é desconhecida como um órgão social — a classe operaria, deve, tem o dever de pensar nos seus destinos.

E ella propria, pela consciencia de seus *direitos* e dos seus *deveres* pôde encontrar a sua independencia e felicidade, reclamando a sua integração na sociedade, como órgão indispensavel nos conselhos publicos da nação.

A grande massa, a multidão dos que trabalham nos obscuros misteres que impulsionam a vida economica do paiz precisa tomar a iniciativa de uma organização intelligente e segura em que encontre apoio ás suas energias para encarar com coragem os duros combates pela vida.

Ella precisa deixar deser a céga multidão para não ser arrastada pelos falsos pastores do socialismo e do anarchismo, em cujas terríveis malhas maior será o peso da sua escravidão nos dias em que as iniciativas individuais e sociais forem annulladas pelo Estado-Senhor (do socialismo) ou pelo Senhor-Eu (do anarchismo).

O proletario deve procurar melhorar a sua condicão na sociedade, pelo seu proprio esforço, pelo estudo das questões que lhe são affectas, pela segurança de uma doutrina que lhe traga e desenvolva o conhecimento perfeito do justo e do injusto, pela posse de uma Verdade a qual se curvem todos os poderes da terra, pela conquista da Justiça, pelo culto da Caridade.

Eis a *idéa social*, cuja disseminação se impõe nesta hora de fundas decepções para o operariado, entregue ao pasmoso abandono de si proprio, sem um unico aparelho de salvacão economica, transviado em grande parte dos caminhos da moral, da religião.

Operarios, os fundadores deste periodico dedicam estas suas columnas aos interesses do operariado brasileiro, em grande e indiscutivel maioria catholico, no sentido de levantar-lhe o sentimento religioso e inspirar-lhe as idéas sociais, para a solução feliz dos problemas que jamais serão destrinchados no marasmo da indiferença que os prostrou numa atmosphera de irreligião que vae asphyxiando a confiança pela posse dos seus destinos.

Catholicos praticos, desejamos extender as convicções christãs que postulamos no catholicismo sob o ponto de vista social, no sentido de demonstrar que as affirmações da nossa fé impõem o perfeito estabelecimento de uma justiça bastante para satisfazer a todas as exigencias dos homens de boa vontade.

No terreno critico e doutrinario, estudaremos a questão social no que ella tem de bom e de máo, de salvadora e de perigosa, procurando restabelecer os principios elevados com que a civilização christã impregnou a consciencia universal e que, inconscientemente, muitos doutrinarios os prégam como seus e novos, mas que são verdadeiramente nossos e antigos, hauridos no Decalogo e no Evangelho.

Restabelecendo a concepção social christã, isto é, restaurando Christo na sociedade, não trabalhamos tão só como catholicos, e sim tambem como patriotas, que desejam a salvacão do Brasil.

E temos a convicção que o nosso esforço não será vão, emquanto que, obedientes aos nossos Pastores, não nos desviarmos d'Aquelle que é o Caminho, a Verdade e a Vida.

Idéa Social — repetindo o saber da experiencia — sem se enfundar a nenhuma escola economica, temendo as pusilanimidades de algumas e as temeridades de outras, escuta para se instruir as lições da Providencia, as da historia, não as da historia das guerras, mas as da historia do trabalho, tão dolorosa quanto suas leis primordias são desconhecidas.

SOCIOLOGIA

DIREITO DE ORGANIZAÇÃO OPERARIA

Os operarios têm o direito de se associar e este direito elles o recebem da natureza

O direito de associação operaria (1) é a faculdade para cada operario de unir, ao contrario do que frequentemente se faz, suas forças ás de um certo numero de camaradas que exerçam a mesma profissão que elle, e isto com o intuito de se proteger, de assegurar o respeito de sua pessoa e de seus interesses e de procurar se o mais possível bem estar ao qual elle pôde legitimamente pretender. Este direito, não são as leis que o conferem, não é uma convenção por ella creada, é a natureza que lh'o dá.

Os trabalhadores, desde a antiguidade até nossos dias, têm se preocupado em se unir.

Elles se têm associado em todas as épocas, em todos os paizes procuram se agrupar. Ha nisso como uma necessidade universal que se não poderá contestar existir; faz parte da natureza humana e Deus não a collocou no coração do operario sem lhe conferir tambem o direito ao menos de a satisfazer.

O homem é essencialmente sociavel.

Bem que ha a sociedade civil, mas ella não lhe é sufficiente. Ella busca o bem commum e não pôde se occupar dos particulares sinão de um modo geral. Os particulares têm necessidade de uma organização que os atinja de um modo mais immediato, mais proximo, que seja vantajosa para si e que lhe possa dar um concurso de prompto, preciso que a sociedade civil não tem a possibilidade, lhe fornecer.

O trabalhador, como todos os outros homens, recebeu da natureza, com direitos, a faculdade de escolher os meios necessarios para os exercer e os defender.

Si elle é só, não pôde efficazmente se proteger no melhor dos casos. Elle tem o direito de escolher um salario conveniente, de não trabalhar mais do que suas forças permittam, de ser livre em cumprir seus deveres de pae, de esposo, de cidadão e de christão, de não ser despedido sem motivo, de ser respeitado em sua dignidade de homem, em uma palavra de não ser lesado no contrato de trabalho que elle possui com seu patrão. Abandonado a si proprio, elle não pôde tratar com este n'um pé de sufficiente egualdade. Fica em uma situação de notoria inferioridade, deve soffrer quasi fatalmente as condições de empregado, é incapaz de impor o respeito de seus direitos.

Só a associação pôde assegurar a força que lhe falta; ella é, por tanto, um direito para elle.

A associação quando não lhe seja necessaria para assegurar o respeito de seus direitos, será ao menos util para procurar as vantagens ainda que difíceis. Ora, cada um tem o direito de procurar suas vantagens, desde que não seja forçado, para as encontrar, de recorrer aos meios illicitos e condemnaveis; aqui cessa o direito.

(1) Por associação operaria entendemos a cohesão organica das forças proletarias, sob diversas formas strictamente profissionais e especialmente sob a forma de syndicato.

AS OPERARIAS "EM CASA"

Organizou-se ha tempo em Paris uma pequena exposição de trabalhos dessas humildes obreiras, exposição profundamente triste. Nos grandes mostruarios viam-se multidão de objectos manufacturados por pobres senhoras no recato angustioso de seus «lares» em que a privação de todo conforto é regra, «lares» que mais não são do que dolorosos «refugios da miseria». Esses objectos, no entanto, eram por vezes preciosos collares e outros adereços de perolas, destinados para toilettes riquissimos do grande tom, e que por fazel-os em cada hora de trabalho, a misera operaria recebia a infima retribuição de 12 centimos! Pela obra de *abat-jours*, artisticos, de fazenda ou de papel, pagam-n'as a 20 centimos á hora de trabalho; tambem á hora recebem ellas 40 centimos por *milheiro* de saccos de papel! Menos

ASSIGNATURAS

Anno.....	2\$000	Trimestre.....	\$500
Semestre.....	1\$000	Avulso.....	\$100

Annuncios, por contrato

Redacção e officina — Trav. Santa Rita 25

recebem ainda as pobresinhas no proprio «lar» e com todos os encargos que um «lar» representa, quando manufacturam chincellas: apenas 7 e 1/2 centimos por hora! E' fantastico, mas ha peor. E' a paga das que manufacturam brinquedos: essas não conseguem mais de 6 a 7 centimos por hora de trabalho... As colleteiras ganham *ricamente* 15 centimentos...

Apresenta-se, tambem, na dolorosa exposiçao, um jantar de *luxo* dessas pobres trabalhadoras: algumas batatas, um naco de queijo ordinario, um ovo cozido, um pedaco de pão duro e um copo dagua!

Demonstra a estatistica, que muitas dessas escravas do trabalho em domicilio, durante semanas inteiras, outra coisa não conseguem para disfarçar-lhes a fome, sinão o pão duro. Outras sentem que as mãos trabalhadoras se lhes mirram de frio, e só tem a aquecel-as o calor do kerozene das lampadas...

Convem lembrar que, ha 15 annos, um deputado catholico apresentou á Camara Franceza um projecto de lei contrario á exploraçao que as grandes industrias fazem dessas pequenas e miseras operarias que trabalham «em casa». Por que os senhores socialistas esbravejadores contra a exploraçao dos trabalhadores nao secundaram o esforço do deputado catholico, e até hoje jamais cuidaram disso?

— Mas, pelo mal, não atiremos pedras á França. A crise é terrivel e a molestia é geral. Mesmo entre nós se a verifica, nos salarios infimissimos com que são pagos os arduos trabalhos das pobres senhoras que se aceitam para «casa»... Digam por nós as que recebem «obras» para até mesmo as repartições officiaes... principalmente as de costuras para os arsenaes, especialmente de guerra...

Religião

Em face da desorganisação social da hora presente, como que são raros os espiritos que se voltam para encontrar a verdadeira soluçao de um problema que todos sentem ser necessario resolver e que cada um procura dentro de seus principios ou doutrinas encontrar o definitivo e solido ponto de apoio.

Esse problema é sem duvida o da questao social. Difficil e complicado, quão facil e simples, por isso que é um problema essencialmente humano.

Difficil e complicado quando se o busca resolver com os recursos meramente superficiaes dos sociologos que apenas vêm o problema por um só lado; facil e simples quando se o encara pelos dous lados essenciaes: material e espirital.

Não raro se pensa que é absurdo invocar a religião como sciencia bastante para dar soluçao ao problema social. E' ainda para muita gente um enygma as relações entre a Sciencia e a Religião.

Entretanto, o estudo da questao social não pôde afastar esse elemento primordial de suas cogitações, qual é o religioso, quando se tenta sinceramente encontrar remedio eficaz aos multiplos males que affligem a sociedade.

A sociedade contemporanea manifesta symptomas de profunda anarchia e radical desmoralisação: essa anarchia e essa desmoralisação resultam das idéas dominantes: ao materialismo, ao positivismo, á sciencia emancipada, ao orgulho da razão humana—deve ser attribuida a culpa dessa ruina e dessa corrupção. E' mister abandonar os caminhos abertos, voltar a fé, ao espiritalismo, á Igreja, para restabelecer a ordem, para regenerar a vida... Ao Christianismo, credo das nações cultas e das nações fortes, cumpre esta obra de reconstituição moral. O almirante Mahan creou

o nome para esta singular e surprehendente cruzada, surgindo «ex-abrupto» de canaes subterraneos da sociedade: a «energia christã» — apoiada em assertos que negam toda a verdade da Historia e invertem toda a realidade social contemporanea: a humanidade tem hoje mais ordem e mais moralidade; toda a obra humana existente é, quasi completamente, obra da civilisação religiosa; as mais poderosas forças sociaes acham-se ainda concentradas em poder dos elementos religiosos da sociedade...

ALBERTO TORRES

«Pan-americanismo e liberdade da consciencia»
(d'A Noite de 11 de Janeiro 1916.)

O LAR DOS POBRES

Por mais que se tenha escripto em prol dos pobres, dos humildes operarios, a verdadeira alavanca do progresso, até hoje, continúa e infelizmente continuará sem soluçao por muito tempo o problema das casas para operarios.

O governo, após uma viva campanha habilmente feita na imprensa por jornalistas e operarios, conseguiu mover-se e concedeu pelo poder legislativo leis favoraveis e adequadas, que muito favoreciam aos que dispoem de capitaes quizessem se interessar pela sorte das classes pobres.

No principio, choveram pedidos de concessões para construcções de mil e até de mais casas, cujos inquilinos viriam a ser futuros proprietarios, pagando aos constructores a importancia do predio com os alugueis das casas que passando a habitar desde logo eram ou viriam a ser os seus proprietarios.

Porém, surgiram as «mutuas», as terriveis «mutuas» um verdadeiro Panamá que absorveu milhares de contos de pobres trabalhadores que fiados nas promessas que lhes faziam os seus directores perderam os seus poucos haveres.

E' hoje o que resta de tudo?

A maior desillusao. O operariado lutando num mundo de crise, desconfiando e não acreditando mais em nada, vê-se desamparado, sem lar, sem haveres, quasi sem trabalho e como consequencia desta falta, na ameaça terrivel de ficar sem pão!

Eis a verdade de tudo.

ALFREDO INNOCENCIO

Um programma social

Acreditei sempre que os catholicos nao podiam se desinteressar da questao social: hoje, depois da Encyclica *Sobre a condiçao dos operarios*, creio que elles nao têm esse direito e que seu programma está alli todo escripto, magnificamente traçado.

Nao indicarei senão as linhas geraes, mas creio que é o necessario. A meus olhos, o conjuncto de nossas reivindicaciones deve tender a assegurar ao povo a posse de seus direitos essenciaes, desconhecidos pelo regimen individualista: a representacao legal de seus interesses e de suas necessidades, em lugar de uma representacao puramente numerica; a preservaçao do lar e da vida da familia; a possibilidade de cada um viver e fazer viver os seus do producto do seu trabalho, com uma garantia contra a inseguranca resultante dos accidentes, da doenca, da falta de trabalho e da velhice inevitavel; a faculdade para o operario de participar dos beneficios e mesmo, pela cooperacao, da propriedade das empresas a que concorrem por seu trabalho; emfim a proteçao contra as agiotagens e as especulações que despojam as economias do povo e o condemnám á indigencia, enquanto que, segundo as palavras da Encyclica, «uma parte, senhora absoluta do commercio e da industria, desvia o curso das riquezas e faz affluir para si todas as fontes.»

Duas forças devem concorrer para a realização desse programma: a organização profissional e a legislação.

A organização profissional, para a qual nós desejamos a mais ampla liberdade, dará o meio de assegurar a representação publica do trabalho nos corpos electivos da nação, de determinar em cada profissão industrial ou agricola as taxas do justo salario, de garantir indemnisações ás victimas de accidentes, de doenças ou de cessação de trabalho, de crear uma caixa de recursos para a velhice, de prevenir os conflictos pelo estabelecimento de conselhos permanentes de arbitragem, de organizar corporativamente a assistencia contra a miseria, emfim de constituir em mãos dos trabalhadores uma certa propriedade collectiva ao lado da propriedade individual, e sem lhe trazer prejuizo.

A legislação protegerá o lar e a vida da familia pela restricção do trabalho das crianças e das mulheres, interdicção do trabalho á noite, limitação do tempo de trabalho, obrigação do repouso dominical; nos campos, tornar insequestravel a casa e o campo do cultivador, os instrumentos e o gado indispensavel.

Ella facilitará a vida do operario e do lavrador pela diminuição dos encargos fiscaes, particularmente dos impostos que difficultam a subsistencia.

Ella favorecerá a participação dos beneficios, a constituição de sociedades cooperativas de produção; nos campos a associação da parceria agricola.

Emfim, ella protegerá a fortuna nacional, a economia popular e a moral publica por leis sobre a agiotagem, sobre o jogo e as operações de bolsa, sobre o funcionamento das sociedades, sobre a exclusão dos estrangeiros da exploração e da direcção dos grandes serviços publicos, sobre a interdicção para os agentes do poder de participar nas especulações financeiras. *Taes são os principaes artigos do programma social. Elles não são outra coisa que a applicação dos principios expostos na Encyclica SOBRE A CONDIÇÃO DOS OPERARIOS.*

A. DE MUN.

(Discurso pronunciado em Saint-Etienne, em 18 de Dezembro de 1892).

O discurso de Saint-Etienne foi honrado pelos louvores e a alta approvação do Soberano Pontifice. E' com uma certa effusão que Leão XIII escreveu a A. de Mun:

«Nós o lemos (este discurso) com uma grande satisfação... Sentimos com um singular prazer quanto amor sincero da religião e da patria recobre a rica vestimenta de vossa nobre eloquencia... O povo tem sempre sido particularmente caro á Igreja, que é a mãe: o operario que soffre, seja porque é abandonado, seja porque é opprimido, deve ser cercado dos cuidados mais continuos e os mais affectuosos, para se erguer e sahir da condição desgraçada a que está reduzido, sem recorrer ás violencias nem procurar subverter a ordem social... E agora, caro filho, comprehendereis sem esforço que a leitura de vosso discurso Nos tem sido soberanamente agradavel.»

S. JOSÉ

Os pobres e os operarios têm direitos especiaes para confiarem em S. José e aproveitarem os seus exemplos. Embora fosse de estirpe régia, e tivesse por esposa Maria, a mais excelsa e santa das mulheres, viveu como pobre official, e ganhou com o trabalho de suas mãos o sustento para os seus. Vê-se, pois, que não sómente a pobreza não é deshonra, mas que cada trabalho, sendo sagrado pela vir-tude do operario, é nobreza da mais alta categoria.

LEÃO XIII

Liga Brasileira contra a Tuberculose — Assistencia Domiciliar

Os tuberculosos indigentes que não podem frequentar os «Dispensarios» da Liga são assistidos, gratuitamente, por um medico em seu proprio domicilio, recebendo ao mesmo tempo o leite e os medicamentos necessarios.

Os soccorros são concedidos mediante qualquer pedido, mesmo pelo telephone, para a séde da Assistencia, á rua Senador Euzebio n. 262.

Expediente: das 11 horas da manhã ás 2 da tarde. — Telephone, Norte 1.190.

Misericordia!

As lições da tremenda carnificina européa são tudo o que de mais edificante se possa conceber para o estudo de qualquer problema por mais humano ou transcendente que seja, politico ou social.

Não é, pois, menos eloquente e edificante esta cifra, conhecida por modesta, que qualquer dos principaes paizes conflagrados gasta com a guerra 200.000 contos por dia!!!

Quanto ha ali de allucinante! Quem não desejaria, entretanto, nestas horas terriveis, gastar mil vezes o dobro para conservar a paz! A paz, que no fundo das consciencia culpadas dessa guerra certo já terá fugido ante as espavoridas crispções dos remorsos.

A paz! quem não sentirá a loucura de alegria, quando ella voltar!

Mas será verdade que a paz voltará? Quem já pensou assim? Quem sabe se a paz voltará mesmo?!

Quem sabe se a paz voltará ao mundo revolto!

E' horrivel!

Antes dessa guerra de sangue e fogo, já existia a guerra das paixões, n'um choque tremendo diario, ininterrupto, como que a humanidade se entrecrocava na lama das ambições, das covardias, enquanto que a grande mãe, a Igreja se carpia em penitencias, em exemplos, em exhortações, pregando ao homem as palavras da Verdade, ensinando-lhe o Caminho, clamando pela Justiça, offertando-lhe o alvino doce da Paz da Eucharistia.

Misericordia! clamemos ao Senhor.

E que ninguém cõre, que ninguém se envegonhe de pedir-a em altos brados pelas praças, aos céos immensos, em cada recanto deste privilegiado Brasil — Misericordia!

Quantos que nessa infeliz Europa não terão já pronunciado esta palavra de que dantes talvez lhe produzisse mofa só o ouvil-a!

Pedir-a em plena paz, não é uma lamentação — Misericordia — é um brado de energia.

E' um grito da alma que se desprende em face do perigo, e recebe novo alento, nova força, e energica repelle o mal, a insidia, o erro.

E é preciso ver a lição que a guerra nos apresenta, quando lá nos campos de batalha milhões de vidas se sacrificam pela honra de suas patrias, pela defesa de seus lares, pela segurança do futuro de seus filhos, pela integridade do solo nacional que sociedades civilisadadas perustraram tornando-as invejaveis, grandes e poderosas. E' preciso vêr que para alimentar essa guerra, dolorosa quantos milhões de contos de réis diariamente se queimam, na ancia infrene do amiquilamento.

E' preciso ver tudo isso, e sentir o contraste. Aqui, no vasto solo de nossa patria, que brasileiro não sente o peito oppresso de dor e de vergonha, ante o degradante choque de interesses politicos pessoais, que se degladiam como talvez não se degladiaram os primitivos *pagés* das nossas selvagens que governavam as *tabas* dos *aymorés* e *goytacazes*!

A noção do sacrificio não desperta!

Patriotismo, hoje, chama-se *disciplina partidaria*!

Misericordia!

Emquanto que para manter a guerra tudo se sacrifica, todos se sacrificam, e para manter a paz, a inapreciavel paz! as consciencias não se movem, os corações não se abrem.

Misericordia!

A paz dos nossos lares, sobresaltados pela crescente dificuldade de mantê-los, ante a carestia de todos os recursos que fogem ao alcance do pobre: a decencia de seus trajés; a instrucção de seus filhos; a saude de suas mães, irmãs, esposas; o alimento, o pão de suas bocas.

A invasão de todos os crimes: o lenocinio, o divorcio, a pornographia, os suicidios, as conquistas das innocencias pelos deboches carnavalescos e theatraes, pela infrene licenciosidade dos costumes; pela exploração inobli e degradante de capitaes que se fazem em *trusts* e monopolios das primeiras necessidades do pobre, do operario!

Nada disso commove? Nenhum desses germens de degradação social desperta as consciencias, demove os corações!?

Misericordia!

RENATO DA CRUZ

DAMIÃO BOTELHO DE SOUZA

ELECTRICISTA MECANICO

Approvado pela Inspectoria Geral de Illuminação da Capital Federal

Installações de Luz e Força,
Campainhas e Telephones. Enrolamentos
e concertos de aparelhos electricos.

RUA MARCHEZAL FLORIANO PEIKOTO N. 27

TELEPHONE NORTE 3969

Pratica da tolerancia

(De Vacandard)

— Ha muitos seculos, disse Santo Agostinho: *guerra de morte ao erro, respeito aos homens*. E esta é a nobre divisa dos christãos.

— Verdade é que alguns entendem não combater o erro para não molestar os homens, e assim são como o medico que prégava: «Não ha doenças, e sim doentes».

— Nesse caso tambem se pôde dizer: «Não ha erro, mas pessoas que se enganam».

— Mas esse ponto de vista não é exacto, visto que toda a gente sabe que ha erros, nos livros, revistas e jornaes, na intelligencia, emfim, assim como existem microbios no ar, na agua, nos alimentos. Ora, que precauções se devem tomar contra estes germens de tantas doenças terriveis?

— Promover-lhes uma guerra de morte, por meio de antisepticos, perseguil-os sem treguas, certo, embora, que jamais acabará.

— Pois bem; o erro é o microbio da intelligencia que se deve aniquilar. E' dever empregar contra elle todas armas disponiveis, onde quer que o encontremos.

— Jamais poderemos livrar a humanidade de tão perigoso inimigo, porque o erro, á medida que se destróe, renase das proprias cinzas sob nova fórma....

— Porém, o que tivermos, uma vez, pelo menos, combatido, não voltará com a mesma virulencia. Por conseguinte, guerra de morte ao erro!

— Deixaremos de ser tolerantes...

— Não por isso, porque as mais das vezes não é de doenças que se trata, mas de doentes, não de erros, mas de pessoas que se enganam, e em tal caso é preciso muita delicadeza, prudencia e mesmo ternura: respeito aos homens.

— Convem distribuir todos os que se encontram em erro por duas classes: uns, que vivem nelle de plena boa fé; outros, os cégos voluntarios, os revoltados contra a luz.

— Devemos ser tolerantes, por dever, para com os primeiros...

— Certo, porque são mais dignos de lastima do que de censura.

— Talvez até tivessem bebido o erro com o leite...

— Nesse caso, o que professam são doutrinas dos seus antepassados, ligadas a seu espirito ás recordações da infancia, ás glorias da familia e da patria.

— Mas se illudem...

— E' verdade; mas que milagre não será preciso para os fazer discernir a verdade do erro? Nem sempre os mais bellos genios conseguiram esse milagre.

— Se até um Newman, um Maning não declararam com toda a sinceridade que o catholicismo era uma escola de abominação?

— E foi só depois de perseverantes estudos que reconheceram a injustiça de um tal juizo e abjuraram o anglicanismo que suppunham ser a verdadeira religião de Christo.

— Quando tão poderosas intelligencias se enganaram!

— Que nos havemos de admirar que tantos outros espiritos abraçem os mesmos erros com a mesma boa fé?

— Não devemos, pois, maltratar os extraviados inconscientes que perante Deus fazem profissão de seguir a verdade.

— Nós não, pelo contrario, devemos empregar todos os meios para os convencer do erro em que permanecem, e leval-os carinhosamente ao conhecimento da verdadeira doutrina.

— A violencia nesse caso seria descabida.

— Sem duvida, visto que se a tolerancia é ás vezes uma obrigação, é precisamente para com estes que se deve praticar: respeito aos homens!

— Cumpre reconhecer que a regra é mais facil de dizer que de seguir, porque tem havido e ha christãos intolerantes.

— A culpa, porém, é da natureza humana. A intolerancia não é monopolio do christianismo. Quantos liberaes irreligiosos, não estão sempre dispostos a confiscar a liberdade dos que não pensam como elles?

— Por amor á liberdade, á tolerancia!...

— A bem dizer, e falando com toda a sinceridade, o christianismo, isto é, o christianismo integral, o catholicismo, é ainda a mais alta escola de tolerancia que jamais existiu no mundo.

— S. Francisco de Salles...

— Sim, Francisco de Salles, Newman, ou Maning. A que é que deveram a sua tolerancia sinão á sua fé religiosa?

— Maning como sacerdote é realmente um modelo de tolerancia; e como protestante...

— Compare Newman protestante e Newman catholico, e dizci em que época praticou elle melhor a virtude da tolerancia!

— Na realidade a deficiencia de educação social torna difficil a pratica dessa virtude. Succede com a virtude da tolerancia o mesmo que com outras cousas: só pela pratica se aprende.

— Collocae em face d'um adversario da religião dous christãos egualmente convictos e piedosos; um que viveu ao abrigo das correntes da impiedade, e outro que ouviu muitas vezes contestar, de boa ou de má fé, as verdades que lhe são caras. Este conservará melhor o seu sengue frio do que o outro, defenderá as suas convicções com mais calma, penetrará melhor as razões do seu contradictor, guardará para com elle uma attitude mais respeitosa, em summa, será mais tolerante.

— Quer isto dizer que a vida social disciplina os homens.

— E ensina-os á pratica de uma virtude que a lei natural e a Igreja recommendam.

Adaptação de R. DA CRUZ

A.E.P.B.

ACÇÃO ECONOMICA POPULAR
BRASILEIRA

Com o inicio da publicação de *Idéa Social* resolvemos annexar esta obra de character popular que, pela nova feição que lhe resolvemos imprimir, com o decorrer das edições iremos explanando os pontos essenciaes do seu programma.

Um dos motivos que nos levaram a parar no caminho encetado ha um anno foi justamente a falta deste meio de publicidade adequado que aos cooperadores da A. E. P. certamente era necessaria, dada a impossibilidade de encontrar dentro do plano que nos traçamos um recurso pratico de desenvolver a nossa propaganda, que não tenta implantar-se pelo engodo de mirificas promessas, mas pelo seu cunho de justiça e caridade, a que nos permitirão classificar como solução de um problema de *moral economica*.

Ao iniciarmos, portanto, esta secção, cumpre-nos fazer uma revisão, um inventario, melhor dito, do estado da nossa escripturação sobre o *intem-Predial*:

Continuam em pleno gozo de seus bilhetes, as seguintes pessoas:

Candido Corrêa (caderneta n. 32) com os seguintes numeros 100022 a 100027 (5 numeros). — Roberto F. de Almeida (cad. 38), com os ns. 28 e 100107 a 100110 (5). — Oswaldo Vianna (cad. 39), ns. 9 e 100640 a 100643 (5). — Mario Pestana (cad. 40), ns. 43, 1008, 100001, 100085 a 100087 (6). — D. Juventina Motta (cad. 41), ns. 23 e 100119 a 100122 (5). — Milton do Sacramento (cad. 42), ns. 14 e 100115 a 100118 (5). — Valentim Custodio (cad. 43), ns. 32 e 100733 a 100736 (5). — Maria Salgado (cad. 44), ns. 17 e 100664 a 100667 (5). — Juracy Laranjeira (cad. 45), ns. 16 e 100660 a 100663 (5). — Fabio Fernandes Camacho (cad. 47), ns. 48 e 100103 a 100106 (5). — Esperança Valle (cad. 48) ns. 12, 100123 a 100126 e 10016 a 10025 (15). — Walfrido Innocencio (cad. 49), ns. 100098 a 100102 e 10001 a 10005 (10). — Ary Innocencio (cad. 53) ns. 18, 100094 a 100097 e 10026 a 10030 (10). — Jurandy Valgas (cad. 54) ns. 28 e 100078 a 100081 (5). — D. Rosa de Oliveira (cad. 55) ns. 13 e 100074 a 100077 (5). — Juracy G. da Costa (cad. 56) ns. 100668 a 100671 (5). — Dalila Teixeira (cad. 57) ns. 21 e 100628 a 100631 (5). — Antonio Gomes Nunes (cad. 59) ns. 36 e 100046 a 100049 (5). — Octavio Silva (cad. 60) ns. 26 e 100648 a 100651 (5). — Maria Arthulisa F da Silva (cad. 62) ns. 11, 100050 a 100053 e 10006 a 10015 (15). — Ary do Valle (cad. 66), ns. 31 e 100058 a 100061 (4). — Waldemar Motta (cad. 78), ns. 10031 a 10035 (5). — Flausino J. Nogueira (cad. 78), ns. 46 e 100672 a 100675 (5). — Olympio Silva (cad. 88), ns. 1005 e 100700 a 100703 (5). — José David da Silva (cad. 89), ns. 1006 e 100716 a 100719 (5). — Americo José de Oliveira (cad. 90), ns. 1007 e 100720 a 100723 (5). — Antonio Silva (cad. 91), ns. 1009 e 100724 a 100727 (5). — Seraphim de Jesus (cad. 92), ns. 1012 e 100704 a 100707 (5). — Adelaide Reis Valgas (cad. 95), ns. 10076 a 10080 (5). — Juracy F. Valgas (cad. 96), ns. 10081 a 10085 [5]. — Jandyra F. Valgas, (cad. 97), ns. 10086 a 10090 (5). — Guilhermino F. Valgas (cad. 98), ns. 10091 a 10095 (5). — Candido Ferreira dos Anjos (cad. 100), ns. 1014 e 100746 a 100749 (5). (Continúa).

— No intuito de facilitar a aquisição de bilhetes do «Vintem-Predial», brevemente iniciaremos a sua distribuição nas casas que opportunamente annunciaremos.

— Comquanto qualquer numero do «Vintem-Predial» entre no sorteio do predio, só os assignantes da *Idéa Social* receberão o Titulo de Cooperador e, como tal, terão direito a todas as vantagens offerecidas pela Acção Economica Popular Brasileira.

NOTA. — A correspondencia dos Srs. subscriptores, que não venha indicada pelo numero de suas cadernetas, difficilmente será attendida.